

Orientação argumentativa do título metafórico ao texto em reportagem jornalística: blocos semânticos e compreensão leitora

Ernani Cesar de Freitas*
Giovana Reis Lunardi**

Resumo

Este artigo utiliza aportes teóricos da Teoria da Argumentação da Língua (ADL), mais especificamente os que dizem respeito à Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), desenvolvidos por Ducrot (1987, 1988, 2002, 2005, 2009) e Marion Carel (1997, 2005, 2009), para descrição do sentido global do discurso. O objetivo é demonstrar como o título metafórico de uma reportagem jornalística orienta para a compreensão leitora do texto, mediante uma análise semântico-argumentativa. Concebemos que as metáforas são construções argumentativas às quais podem ser aplicados os conceitos da ADL/TBS que fundamentam este estudo. Propomos analisar a argumentação existente no título metafórico e como essa metáfora se observa discursivamente ao longo do texto/discurso, de modo a perceber a relação entre o aspecto evocado do título com o aspecto evocado do bloco de sentido global do discurso, este que

se constitui na e pela relação entre os diversos blocos semânticos presentes na reportagem jornalística analisada.

Palavras-chave: Orientação argumentativa. Título metafórico. Texto. Blocos semânticos. Compreensão leitora.

* Doutor em Letras (PUCRS), com pós-doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP/Lael); professor no PPG em Letras – Universidade de Passo Fundo (UPF/RS). E-mail: ecesar@upf.br

** Mestre em Letras/área de Concentração Estudos Linguísticos, Universidade de Passo Fundo (UPF-RS); especialista em Produção e revisão de textos pela Uno-chapecó e graduada em Letras Português/Espanhol pela Unoesec. E-mail: gio-reislunardi@hotmail.com

Introdução

Este artigo aborda a orientação argumentativa do título metafórico ao texto em reportagem jornalística, tendo como base teórica a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), uma vez que esta contribui para o entendimento dos sentidos aí construídos e, por consequência, para a compreensão leitora. Circunscreve-se essa proposição no âmbito dos estudos linguístico-enunciativo-discursivos que têm relação com princípios estruturalistas da língua, como sistema, e da enunciação, como processo discursivo.

Desse modo, através dos blocos semânticos decorrentes dos encadeamentos argumentativos, buscamos descrever o sentido construído pela metáfora existente no título e no texto da reportagem jornalística objeto da análise, para, posteriormente, identificar o sentido global dos enunciados que é representado no todo discursivo. Com essa finalidade, o texto foi desmembrado em segmentos de discurso visando estabelecer a relação existente entre o sentido metafórico que se expressa no título da reportagem e os demais sentidos interdependentes que se verificam na extensão da materialidade discursiva.

Este estudo poderá subsidiar novas possibilidades e abordagens da argumentação no ensino da leitura e da produção de texto, das práticas discursivas e de letramento, além de instigar o meio acadêmico a realizar novas pesquisas embasadas nos fundamentos teóricos

da TBS, tendo a metáfora como recurso argumentativo para a produção textual de diferentes gêneros discursivos.

A problematização deste estudo, voltada à compreensão da argumentação e práticas discursivas de letramento, configura-se da seguinte maneira: os aspectos argumentativos¹ evocados nos blocos semânticos, decorrentes do título metafórico (BST)² e do texto, têm relação entre si e com a constituição do sentido global desse discurso? Decorrente desse problema de pesquisa, estabelecemos como hipótese de pesquisa: “O título metafórico é um encadeamento argumentativo”, que, analisado pela TBS, permite a compreensão leitora do sentido global manifestado no texto; esse sentido é formado pela inter-relação entre blocos semânticos cujos aspectos argumentativos evocados mantêm estreita relação de interdependência entre si, ou seja, entre o título metafórico e o texto como um todo. Diante do problema de pesquisa e da hipótese estabelecida, definimos que o objetivo deste estudo consiste em mostrar que o discurso metafórico é argumentativo e polifônico, e que podemos identificar e descrever o sentido global do discurso pela relação existente entre os aspectos argumentativos evocados dos blocos semânticos oriundos do título e do texto, isto é, do próprio discurso. Essa construção argumentativa e polifônica, como prática discursiva, contribui para a produção textual, para a formação leitora e para o letramento.

Selecionamos como *corpus* de pesquisa uma reportagem jornalística que contempla metáfora em seu título e na tessitura textual. A lexicalização da metáfora ocorre pela associação de encadeamentos argumentativos (EA)³ às palavras que a compõem; para tanto, foram utilizados os conceitos de argumentação externa (AE) e argumentação interna (AI). Posteriormente, descrevemos o sentido global do discurso por meio da estratificação do texto da reportagem em trechos discursivos e esses em segmentos; em seguida, identificamos respectivos encadeamentos, argumentações internas (AI) e blocos semânticos (BS), para evidenciar a interdependência semântica entre o aspecto argumentativo evocado no título e o aspecto evocado no texto. Os procedimentos metodológicos foram realizados através da pesquisa descritiva, de base bibliográfica e análise qualitativa (PRODANOV; FREITAS, 2009).

Organizamos este artigo em cinco partes, quais sejam: a introdução, uma breve revisão teórica sobre a ADL/TBS, alguns fundamentos teóricos a respeito da metáfora e da compreensão leitora; por fim, as análises e as considerações finais.

Semântica argumentativa e descrição do sentido no discurso

Fundada no ano de 1983 pelos franceses Oswald Ducrot e Jean Claude Anscombre, a Teoria da Argumentação na Língua (ADL) originou-se de estudos

sobre a pressuposição linguística visando à descrição semântica da língua; seu postulado é que a “a argumentação está na língua” (DUCROT, 1988, p. 18). Trata-se de uma teoria de base estruturalista, relacionada aos estudos de Ferdinand de Saussure, principalmente na medida em que o significado de uma expressão se encontra nas relações dessa com outras expressões da língua, ou seja, nas relações entre o significado de um signo com outros signos. Desse modo, *relação* (sintagmática e paradigmática) é expressão-chave no desenvolvimento da ADL. Conforme Saussure (2006, p. 133)⁴, “cada elemento só pode ser definido em relação a outros elementos. Sua realidade própria é inseparável da realidade no sistema [...]. O valor é um elemento de significação”. Por sua vez, Ducrot (1988, p. 51) afirma que “o valor argumentativo da palavra é a orientação que ela dá ao discurso”.

Na intenção de defender o postulado-base e propondo uma semântica argumentativa à Linguística, a ADL continua sendo estudada por Ducrot e seus colaboradores e se caracteriza pelas seguintes fases: a forma *Standard* (1983); a forma *Standard Ampliada* (1988); a *Teoria dos Topoi* e a *Teoria Polifônica da Enunciação* (1987); a *Teoria dos Blocos Semânticos* (TBS, que surgiu a partir da tese de doutorado de Marion Carel (1992)). Atualmente há estudos em desenvolvimento os quais preconizam nova fase, denominada de TAP (Teoria da Argumentação Polifônica). Fazemos,

na sequência, uma breve menção às fases iniciais e seus conceitos principais, pois nos detemos, neste estudo, àquela que diz respeito à Teoria dos Blocos Semânticos.

Postula-se pela ADL, já na fase *Standard*, que a língua deve fazer referência à fala, em uma distinção metodológica diferente da separação saussuriana. Ducrot (1987) dissocia-se de Saussure (2006) e defende que “a semântica linguística deve ser estrutural e levar em conta a enunciação” (DUCROT, 1987, p. 67). Assim, a ADL também se filia aos estudos enunciativos de Émile Benveniste, pois leva em consideração a enunciação para a constituição do *sentido do enunciado*, entendido como uma descrição da enunciação. Ducrot (1987, p. 168-169, grifo do autor) estabelece que a enunciação “[...] é o acontecimento constituído pelo aparecimento do enunciado. A realização de um enunciado é de fato um acontecimento histórico [...]”. Desse modo, isolado da enunciação, o enunciado ficaria desprovido do caráter pragmático, qual seja, do próprio uso da língua, pois, de acordo com Ducrot (2005, p. 13), “[...] uma expressão é pragmática na medida em que ela serve para comentar o que se faz na fala”. Assim, a ADL refere-se a uma abordagem teórica que auxilia a explicar o sentido argumentativo inscrito na língua.

Destacamos, entre os conceitos mobilizados para a análise, o *texto*, entidade abstrata, que é entendido como uma sequência de frases, também concebido

como entidade teórica e abstrata, de nível complexo. E o *discurso*, que é a manifestação do texto, por sua vez, uma sequência de enunciados interligados, concebido como entidade concreta que pertence ao nível de realização complexa. Nas Conferências de Cali, Ducrot (1988, p. 53) define o “discurso como uma sucessão de enunciados”. O enunciado é, para Ducrot (1988, p. 58), “uma das múltiplas realizações possíveis da frase”, é uma realidade empírica. Já com relação à frase “é uma entidade teórica”, construída pelo linguísta, não é ela que observamos, com relação ao sentido, isso porque não ouvimos frases e sim enunciados. O enunciado não pode ser analisado sem a enunciação; do contrário, ficaria esvaziado do poder pragmático, o que dificultaria a compreensão leitora.

Desde o início dos estudos da ADL, pretende-se descrever as palavras pelas suas potencialidades discursivas, e não a partir de um conhecimento prévio da realidade ou suas condições de verdade e falsidade, de modo que a argumentação é linguística e não retórica. Assim, a significação é instrucional visto que um enunciado remete a outros enunciados. Conforme Freitas (2007, p. 111-112), “Anscombre e Ducrot consideram que a língua não informa sobre o mundo, mas que comporta indicações de caráter argumentativo [...]”.

Na fase *Standard Ampliada*, mantém-se o posicionamento oposto à concepção tradicional de sentido para a qual a denotação corresponde aos aspectos objetivos

(indicam a representação da realidade) da linguagem e a conotação aos subjetivos (referem-se às atitudes do locutor ante essa realidade) e intersubjetivos (relação do locutor com os interlocutores).⁵ Ducrot (1988) não mais considera essa separação entre o denotativo e o conotativo na linguagem; o aspecto *objetivo* é descartado, justamente porque esse aspecto se faria através de um chamado do locutor ao interlocutor, que não é fixo, e a ADL/TAL revoga o valor descritivo/informativo da linguagem, do qual o aspecto objetivo é representante.

Ducrot (1988, p. 51) unifica os aspectos subjetivos e intersubjetivos no que chama de “valor argumentativo do enunciado”, considerado o nível fundamental da descrição semântica porque permite a continuação do discurso. Ao recuperarmos a noção de valor, em Saussure (2006), lembramos que o valor dos signos é oriundo das relações sintagmáticas; temos aqui relações discursivas, ou seja, o valor da palavra tem relação com a continuação do discurso. São as possibilidades de orientação do discurso que constituem a concepção de sentido proposta pela Teoria da Argumentação na Língua. Por exemplo, nos enunciados *Pedro é rico: ele deve ser feliz* e *Pedro reencontrou Maria: ele deve estar feliz*, é perceptível que a continuação do discurso determina o sentido, porque esses exemplos não tratam da mesma felicidade. No primeiro enunciado, Pedro é feliz como pode ser feliz qualquer pessoa que é rica; no segundo, é a felicidade de amar ou de ser amado que está em jogo.

Há, pois, influência do argumento sobre o sentido da conclusão. Inversamente, a conclusão influencia também o sentido do argumento.

Desse modo, não há como tomar as palavras e enunciados ao pé da letra para atribuir-lhes significados; elas devem ser consideradas em seu uso como um *acontecimento discursivo*, pois é pela enunciação que ocorre o surgimento do enunciado; portanto, precisamos observá-la como constituinte do sentido. A análise realizada neste estudo busca demonstrar que a compreensão leitora se concretiza pela construção do sentido argumentativo no discurso, pela orientação que detém as palavras plenas, enunciados e texto.

Após ocupar-se da definição de *ato de argumentação*, Ducrot (1987) passa a estudar o caráter argumentativo dos diferentes *pontos de vista* presentes em um enunciado. Denominada Teoria Polifônica da Enunciação, essa fase é contrária à visão de unicidade do sujeito – pela qual um enunciado tem somente um sujeito de consciência. Nesse sentido, o semanticista francês defende a existência de vários sujeitos no mesmo enunciado, denominados de enunciadore. Ducrot (1987, p. 149) ressalta que “a cena linguística se revela como a cena teatral”, porque o autor assume máscaras diferentes. Essa encenação dos personagens/enunciadores é, no sentido teatral, a representação dos diferentes pontos de vista no interior do discurso, o que permite tirar conclusões de uma

asserção sem a responsabilidade de ser atribuída por (L) diretamente, mas sim a outro enunciador. Nessa fase, os enunciadores,⁶ responsáveis por manifestar a polifonia, são as “origens dos pontos de vista que se apresentam no enunciado” (DUCROT, 1988, p. 20). A polifonia continua sendo estudada, atualmente, por Oswald Ducrot, Marion Carel e Alfredo Lescano, que propõem uma nova fase da ADL/TBS, a partir da atualização da polifonia⁷. Todavia, destacamos que nosso recorte teórico está centrado na TBS.

Na fase da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), destaca-se que o argumento influencia o sentido da conclusão e vice-versa, mas de modo interdependente em que nenhum pode ser compreendido isoladamente, pois exprimem uma ideia inteira, indecomponível. A linguista Carel (1997, p. 12) questiona *o que é argumentar?* – ao que responde: “Argumentar consiste somente em reunir blocos lexicais e em exigir-se coerente com eles”. Tem-se como ideia central da TBS, “[...] que o sentido mesmo de uma expressão está dado pelos discursos argumentativos que podem encadear-se a partir dessa expressão; desse modo, a argumentação não se agrega ao sentido, mas constitui o sentido” (CAREL; DUCROT, 2005, p. 13).

O termo *encadeamento argumentativo*, fundamental para este estudo, é definido pela ADL/TBS como o nível fundamental da descrição linguística, forma-se na relação entre um *segmento A* unido por um conector a um *segmento*

B, cuja interdependência semântica constrói o sentido do enunciado. Essa interdependência exprime um bloco semântico, a fórmula geral é: *X CONECTOR Y* (CAREL; DUCROT, 2005, p. 14), que se denomina *A CONECTOR B*. Tais conectores podem ser do tipo *normativo*, encadeados por conectores em *donc* (abreviado por DC), palavra francesa traduzida como “portanto”, que são conclusivos. E do tipo *transgressivo*, encadeados por *pourtant* (abreviado por PT), traduzidos como “mesmo assim” (ou “no entanto”), entendidos como adversativos.

Os conectores produzem uma *interdependência semântica*, são prototípicos e podem ser substituídos por outros que sejam também conclusivos (então, sendo assim, logo, por isso...) ou adversativos (mas, porém, contudo, entretanto, todavia) e dizem respeito a uma relação no interior das palavras. O sentido de uma expressão (palavra ou enunciado) é constituído pelos “discursos que essa expressão evoca” (CAREL; DUCROT, 2005, p. 29), ou seja, o sentido está expresso nos encadeamentos. Com base na relação *A DC B* podem ser construídos oito conjuntos de encadeamentos – chamados *aspectos argumentativos* –, sendo agrupados em dois blocos semânticos, de quatro aspectos cada um: BS_1 e BS_2 . Esse bloco de aspectos foi denominado por Carel (1992) como *quadrado argumentativo*. A autora define que o BS_1 (chamado doxal) se configura mediante os seguintes aspectos: *A DC B*; *neg-A*

DC neg-B; neg-A PT B; A PT neg-B. Já o BS_2 , chamado de paradoxal, apresenta os aspectos *A DC neg-B; neg-A DC B; neg-A PT neg-B; A PT B*.

A forma *Standard* da teoria considerava apenas as relações normativas, mas os estudos de Marion Carel (1992) apontam que na regra está a exceção, por isso o sentido de uma entidade linguística consiste em argumentações normativas e também transgressivas. Ao dizer *Faz sol, portanto vamos passear*, estabelece-se o bloco cuja relação semântica relaciona *Fazer sol/Ser agradável passear*, ou seja, o encadeamento é normativo (*A DC B*), mas também pode ser transgressivo, dando-se o aspecto chamado converso (*A PT neg-B*) *Faz sol, mesmo assim não vamos passear*.

As possibilidades de sentido de uma entidade (*e*) são entendidas como os aspectos que estão a ela associados, existindo duas possibilidades de construir a argumentação do léxico; consoante Ducrot (2002, p. 8), “um aspecto pode estar associado a uma entidade de modo interno ou externo”. O modo interno pressupõe uma paráfrase da entidade lexical, do enunciado ou do discurso: é a Argumentação Interna (AI), conceito fundamental para a descrição semântica. Já a Argumentação Externa (AE) subdivide-se em à esquerda e à direita.

Relacionados à entidade de modo *externo à direita*, são encadeamentos que partem da entidade e abreviados por *eAE* (argumentação externa à direita da entidade), ou de modo *externo à esquerda*,

são encadeamentos que vão até a entidade, abreviado *AEe*. Ducrot (2002, p. 9) ilustra que o aspecto *ter pressa DC agir rapidamente* é uma *eAE* da expressão *ter pressa*; sua *AEe* é *estar apressado DC ter pressa*, através do que se percebe na entidade linguística descrita a pluralidade dos aspectos constitutivos de seu sentido na língua.

Desse modo, quando se trata de uma *AE* à esquerda da entidade, cujo aspecto é “X CONN Y”, ela também apresenta o aspecto dito “transposto”, “neg-Y CONN’ X”, assim, “ter pressa DC apressar-se” contempla “não ter pressa PT apressar-se” (DUCROT, 2002, p. 9).⁸ Além dessa característica/regra, Ducrot postula que a entidade faz parte do encadeamento da *AE*, o que não ocorrerá com a argumentação interna.

A TBS ainda define, em relação às argumentações externas, que são *estruturais* quando fazem parte da significação linguística de uma palavra, previstas pela língua, e *contextuais* quando é a situação do discurso que a vincula à entidade. Dessa maneira, é possível descrever um grande número de expressões parafraseando-as mediante encadeamentos do tipo *A CON B*, cujo conector pode ser *DC* ou *PT*. É essa lexicalização das palavras da língua que permite a construção dos blocos semânticos e do quadrado argumentativo (que será explicado a seguir), defendendo o preceito de que *a argumentação está na língua*.

Dentre os diversos teóricos que estudam a Teoria da Argumentação na

Língua, destaca-se Leci Barbisan (2006, p. 24), que defende a possibilidade de aplicação dessa teoria para o estudo da argumentação. Essa pesquisadora desenvolve diversas pesquisas há vários anos, entre as quais consta uma sobre o valor semântico do adjetivo no discurso. Essa estudiosa mostra, nos seus estudos, que a gramática desconhece o papel que o adjetivo pode desempenhar ao expressar a posição que locutor assume no discurso, por isso é que a aplicação da ADL/TBS pode esclarecer as “funções argumentativas dessa classe morfológica” (BARBISAN, 2006, p. 27). Desse modo, assim entendemos, é o que ocorre com a utilização das metáforas como recursos através dos quais o locutor posiciona-se, aliás, conforme Ducrot (1988, p. 99), “só há argumentação se o locutor se identifica com um enunciador que argumenta”.

A seguir, apresentamos conceitos relacionados à metáfora e à compreensão leitora.

A metáfora: sua potencialidade semântica

Considerada recurso para criar novos sentidos, a metáfora é definida como “o emprego de uma palavra concreta para exprimir uma noção abstrata, na ausência de qualquer elemento que introduz formalmente uma comparação” (FIORIN, 2008, p. 71). Esse elemento seria uma conjunção comparativa (como, tal qual, tão, mais do que, dentre outras), que não está presente na metáfora e tam-

pouco é necessária; ela, a metáfora, é a criação de um signo conotado a partir de dois signos, sendo o “acréscimo de um significado a outro” (FIORIN, 2008, p. 71), quando entre eles há uma relação de interdependência,⁹ de semelhança em alguma característica. À medida que acrescem um significado a outros, as metáforas organizam o sentido do discurso e encadeiam os segmentos discursivos, o que singulariza e compatibiliza a proposta deste artigo quanto à abordagem respaldada nos fundamentos basilares da Teoria dos Blocos Semânticos.

Pode-se confirmar a característica predicativa da metáfora à medida que ela apresenta uma ideia sob o signo de outra, por isso consideramos, para fins deste estudo, que a metáfora está vinculada ao ato central do discurso, à predicação, diga-se à argumentação. O filósofo Paul Ricoeur, em sua clássica obra *A metáfora viva* (1975), considera que a metáfora é a “transposição de um nome estranho a outra coisa” (RICOEUR, 2000, p. 107), visto que o falante constrói novas possibilidades de sentido conforme as escolhas feitas diante das combinações sintagmáticas. Destacamos que “a interpretação da metáfora depende da combinação sintagmática dentro de uma frase e não apenas de paradigmas lexicais isolados” (MOURA, 2008, p. 189). Assim, a metáfora não tem apenas uma função estilística, mas é um recurso cognitivo/argumentativo.

Moura (2007, 2008) teoriza que a metáfora é composta por dois elementos,

o *tópico* e o *veículo*; o primeiro é o elemento que recebe a nova categorização e o segundo possui dupla referência, uma literal e outra metafórica. A interpretação da metáfora depende da relação entre o *tópico* e o *veículo*. Associar postulados teóricos acerca da metáfora e da ADL/TBS é proposital neste artigo, pois pressupomos que o *tópico* da metáfora seja entendido como o *segmento A* e o *veículo*, como o *segmento B*; juntos têm uma interdependência que constrói o encadeamento argumentativo, formando assim o sentido. Para Ricoeur (2000, p. 142), “a metáfora resulta tanto da pragmática como da semântica”.

A associação a ser feita entre a metáfora e pressupostos teóricos da ADL/TBS se dá no eixo das relações sintagmáticas (as combinações) e o das relações associativas (a seleção); a metáfora seleciona traços comuns a dois significados que coexistem, formando novas categorizações, ou seja, “[...] uma mesma palavra pode receber diferentes interpretações metafóricas dependendo do *tópico* com o qual se combina” (MOURA, 2008, p. 189). À proposição que menciona a *interdependência semântica*, com relação à metáfora, Moura (2008, p. 189) dá respaldo por meio do seguinte comentário: “[...] a interpretação de uma metáfora depende da combinação sintagmática dentro de uma frase e não apenas de paradigmas lexicais considerados fora do contexto.” Assim, as combinações sintagmáticas das palavras na metáfora relacionam-se à escolha do encadeamento assumido

pelo locutor. Para compreendermos a metáfora presente no título da reportagem analisada, é que associamos sua estrutura (*tópico/veículo*) à estrutura dos encadeamentos argumentativos, visto que para esses o sentido é construído pela interdependência semântica entre dois segmentos.

No subtítulo seguinte, trazemos algumas concepções sobre *compreensão leitora* diante da relação entre *título* e *texto*.

Teoria dos Blocos Semânticos e compreensão leitora: do título ao texto

Para a compreensão leitora, defendemos que os preceitos da ADL/TBS podem ser aplicados como recurso facilitador e esclarecedor do sentido global do discurso da reportagem jornalística analisada. Manifestamos nosso entendimento do conceito de leitura pela TBS, restrito ao produto da enunciação, em concordância com Delanoy (2008, p. 52), considerando que o leitor

[...] deve manter-se na posição de interlocutor e acessar o sentido que é permitido pelo discurso, sem acréscimo de outros sentidos não autorizados. Caso contrário, estará no outro extremo da enunciação: será um novo locutor ao produzir um outro discurso, que pode ter sido construído a partir do anterior, mas já constitui uma nova enunciação. Desse modo, ele extrapolou a leitura pela perspectiva da TBS.

Com base nessa afirmação, tem-se que a função do leitor é identificar a argumentação existente no enunciado

que lhe afere sentido, conforme o que o locutor propôs, pois a descrição desse sentido ocorre pela análise do linguístico, ou seja, das instruções dadas pelas frases. Os limites de compreensão a que se refere Delanoy (2008) são definidos por Ducrot (1988) como instruções presentes na frase (realização abstrata). “É a estrutura linguística que indica o que deve se procurar no contexto, e como procurar quando se quer interpretar um enunciado” (CAREL; DUCROT, 2005, p. 11).

Diante de tais circunstâncias, percebemos que a compreensão leitora pela ótica da ADL/TBS configura-se, dentre as teorias linguísticas existentes, como uma das mais profícuas para se identificar o sentido global do discurso, por isso deve ser aplicada ao ensino da língua materna e para o desenvolvimento da leitura e da compreensão leitora, com reflexos positivos na produção textual. Assim, asseveramos que as escolhas linguísticas determinam a força argumentativa dos discursos, e que a ADL/TBS constitui uma estratégia eficaz para leitura e produção textual.

Desse modo, acreditamos que a compreensão leitora eficaz propicia construir o sentido global do discurso e deve ser focalizada na relação entre o título e o texto que compõem um determinado gênero discursivo. É fato que o título ocupa um lugar de destaque em todo texto, pois é com base no título, uma estratégia discursiva, que se propicia ao leitor levantar hipóteses acerca do conteúdo do texto, do discurso. As instruções da frase são

abertas, o intérprete deve reconstituir a estratégia argumentativa do locutor; sob esse ponto de vista, a compreensão leitora relaciona-se à possibilidade de cada leitor “construir o seu quadrado argumentativo”, isto é, assumir um ponto de vista conforme a constituição dos encadeamentos argumentativos de um bloco semântico. A proposta que fazemos de compreensão leitora sugere uma trajetória que parte do título ao texto, do tópico ao veículo da metáfora, para se chegar ao sentido global do discurso.

Os procedimentos metodológicos e a análise da reportagem, *corpus* desta pesquisa, são apresentados na sequência.

Metodologia e análise

As análises semânticas realizadas neste estudo visam identificar a relação de semelhança entre o aspecto evocado do bloco expresso no título e os aspectos evocados nos trechos selecionados do texto-base, de modo a constituir a compreensão leitora. Trata-se de identificar a argumentação presente no título metafórico e no texto para descrever o sentido global do discurso, o que se configura pela interdependência entre enunciados, encadeamentos discursivos e blocos semânticos.

O gênero textual analisado neste estudo é uma reportagem jornalística; vale destacar que ao discutir o que conceitua o *jornalismo informativo* do *jornalismo opinativo*, Melo (2003) defende que o jornalismo, além de informação, traz

a interpretação dessas informações, de modo que o jornal apresenta ideias, argumentos, contraposições e análise dos fatos ocorridos.

Na análise, além do título, procedemos à seleção de três trechos discursivos (T_1 , T_2 , T_3) da reportagem “A competição é uma droga”, publicada na revista *Exame* (2010, p. 120-121), de circulação nacional. Os procedimentos metodológicos preveem a:

- a) identificação da Argumentação Externa (AE) e da Argumentação Interna (AI) das entidades lexicais, que se caracterizam como palavras plenas do título metafórico, quais sejam: *competição* e *droga*;
- b) caracterização da AE e da AI do título metafórico “A competição é uma droga”, para construção do bloco semântico correspondente e identificação do respectivo aspecto argumentativo evocado;
- c) divisão dos trechos discursivos selecionados em segmentos (S_1 , S_2 ...), conforme contenham um discurso argumentativo¹⁰, e descrição das AE respectivas que refletem a formação dos encadeamentos argumentativos (EA) normativos e transgressivos nos quais é identificada a AI correspondente;
- d) composição dos BS (BS_1 , BS_2 , BS_3) decorrentes da interdependência entre as argumentações internas (AI_1 , AI_2 , AI_3) dos trechos da reportagem analisada, para obter o Bloco Semântico do Sentido Global do Discurso (BSG);

- e) construção do Quadrado Argumentativo (QAI_1) correspondente à AI (aspecto evocado) do título metafórico e do Quadrado Argumentativo oriundo do BSG (QA_2), para identificar a polifonia¹¹ e o ponto de vista assumido pelo locutor;
- f) demonstração através dos quadrados argumentativos (título metafórico e texto) que os encadeamentos (polifonia) expressam as possibilidades discursivas da língua e o sentido global do discurso, além de intervir na *compreensão leitora*, bem como na remissão/ retomada das palavras plenas que caracterizam a metáfora existente no título do texto.

Na reportagem jornalística analisada, deparamo-nos com um título constituído por uma metáfora que gera dúvidas – A competição é uma droga –, eis que não se sabe a qual tipo de competição o locutor se refere, pois é somente na continuação discursiva, ou seja, através da leitura da reportagem, que é possível compreender o sentido do título metafórico e, por conseguinte, do texto. Percebe-se, assim, que o sentido mobilizado pelo título é polifônico; trata-se de um “duplo jogo linguístico” em relação à droga/algo ruim e droga/entorpecente.

A reportagem tem por temática o referendo para legalização da maconha, para fins medicinais, realizado em dezembro de 2010, na Califórnia (EUA). Ocorreu que a vitória, no pleito, foi do “não”, contrária à legalização, o que gerou

surpresa aos habitantes da região, visto que os próprios produtores legalizados (de pequeno porte) votaram contra a liberação proposta.

Diante desse cenário, realizamos a análise das Argumentações Externas à Direita (eAE) e à Esquerda (AEe) das entidades lexicais *competição* e *droga*, além de sua Argumentação Interna (AI). Vejamos:

(1) A *competição* é uma *droga* (EXAME, 2010, p. 120).

a) AE da entidade lexical *competição*¹²:

(1.1) Ter *competição* DC ser ruim – eAE

(1.2) Existir *competição* DC ser uma *droga* – eAE

(1.3) Ter *competição* DC vender pouco – eAE

(1.4) Existir mais fornecedores DC ter *competição*. – AEe

b) AE da entidade lexical *droga*¹³:

(1.5) É *droga* DC ser ruim – eAE

(1.6) É *droga* PT tem fins medicinais – eAE

(1.7) Ser *droga* PT legalizar – eAE

(1.8) Fazer mal DC ser uma *droga* – AEe

Nas palavras plenas descritas, *competição* e *droga*, percebemos o potencial argumentativo através dos encadeamentos que ocorrem nas relações sintagmáticas que possibilitam a construção de uma unidade de sentido – o bloco semântico.

No título metafórico “A *competição* é uma *droga*”, há uma associação entre um elemento abstrato (a *competição*), diga-se uma ação de rivalidade; um elemento concreto (*droga-maconha*), entorpecente, e também com o elemento abstrato referente a algo negativo (*droga-ruim*);

essas associações configuram-se nas argumentações externas normativas e transgressivas, conforme observado em (1.1) a (1.8). O título argumenta através de uma predicação do sujeito – *a competição é uma droga* –, relacionada pela estrutura *tópico (competição) e veículo (droga)*, pois, ao apresentar nova categorização, é preciso identificar as semelhanças entre *droga* e *competição* para existir compreensão. Isso se verificará no decorrer da leitura da reportagem jornalística analisada.

Verificamos que a palavra plena *droga* exerce função fundamental no discurso, visto que as continuidades que ela permite, por sua força e orientação argumentativa, são responsáveis pelo sentido que o aspecto evocado, no bloco semântico expresso no título, provoca em relação aos blocos semânticos expressos no texto; isso se configurará na análise dos trechos discursivos selecionados. Assim, concebemos o discurso como doador de sentido, através de encadeamentos argumentativos nos quais o *sentido do argumento define o sentido da conclusão e vice-versa*; isso evidencia que as entidades lexicais plenas do título constroem a compreensão leitora como um bloco semântico indecomponível constituinte da metáfora (*competição* DC *droga*), diga-se o *tópico* e o *veículo* que constroem nova categorização.

Damos sequência à análise destacando que ao partir das AE (à direita e à esquerda) constroem-se argumentações internas (AI), as quais, por sua vez, tra-

tam especificamente da lexicalização da entidade, da palavra. Seguem as AIs das entidades lexicais *competição* e *droga*, respectivamente:

c) AI da entidade lexical *competição*:

(1.9) Ambição em comum DC ter disputa

(1.10) Ter concorrência DC concorrer

(1.11) Concorrer com outrem PT vender

d) AI da entidade lexical *droga*:

(1.12) Ruim DC não usar

(1.13) Algo dar errado DC é ruim

(1.14) Ter prejuízo DC é ruim

As análises de (1.1) a (1.14) possibilitam mostrar que a significação das palavras é constituída de encadeamentos normativos e/ou transgressivos, ou seja, de possibilidades discursivas dadas pelo uso da língua. Dito por Freitas (2007, p. 142), “a propriedade que faz com que esses se transformem em discursos argumentativos está caracterizada pela interdependência semântica de seus constituintes”.

Depois de apresentadas as argumentações internas das entidades lexicais que compõem o título metafórico da reportagem analisada, podemos compreender, conforme o sentido identificado para cada uma das entidades lexicais, os motivos que fazem com que sejam associadas essas duas palavras para uma nova categorização. Ocorre uma seleção no eixo da virtualidade do paradigma quando da elaboração da metáfora, para, após essa seleção, ser feita uma combinação que origina a nova predicação do tópico da metáfora. Para compor a

metáfora, foi realizada uma seleção da palavra *droga* no eixo paradigmático e posterior combinação com a palavra *competição*, no eixo sintagmático, e aí percebemos que o sentido é constituído pela interdependência semântica entre ambas.

Ao fazermos a descrição semântica das entidades lexicais, demonstramos o que postula a TBS, que “o sentido de uma entidade está constituído pelos aspectos que encontramos em suas AI e suas AE. Além disso, os aspectos se agrupam em blocos semânticos nos quais se encontram aqueles encadeamentos que manifestam a mesma interdependência semântica (LESCANO, 2004, p. 228). Assim, percebe-se que a metáfora inscrita no título da reportagem jornalística analisada é um recurso argumentativo, além da característica conceitual, porque constrói encadeamento que explica a descrição do sentido do enunciado/título/metáfora. Percebemos, em relação a essa etapa de análise, que o título metafórico, composto pelas entidades lexicais *droga* e *competição*, não une dois conceitos isolados, mas constrói, pela interdependência semântica entre os segmentos, outra forma de “perceber como as palavras adquirem sentido e observá-las, enquanto signos em relação, no eixo do sintagma e do paradigma” (FREITAS, 2007, p. 189).

Seguindo a metodologia de análise proposta neste artigo, após a lexicalização das palavras plenas, tem-se o título como um enunciado formado por

um suporte (competição) e um aporte (droga), no qual está contido o potencial argumentativo das palavras descritas.

a) AE e AI do enunciado/título/metáfora “A competição é uma droga”:

(1.15) Diminuir os lucros DC a competição é uma droga – **AEe**

(1.16) A competição é uma droga DC não competir – **eAE**

(1.17) *Disputar consumidores DC ser ruim* – **AI da metáfora**, que é assumida pelo locutor no texto da reportagem jornalística objeto deste estudo.

Percebemos, na análise dos encadeamentos argumentativos originados do título metafórico, como o sentido não pode ser concebido em termos de verdade e falsidade, do contrário, não seria possível fazer a afirmação que a metáfora propõe, ou seja, que a *competição é uma droga*. Isso porque teria que se entender *competição* apenas conforme o sentido dicionarizado e não consoante a essa situação discursiva específica. Ao descrever semanticamente as palavras plenas da metáfora, demonstramos seu caráter argumentativo, pois percebemos que as metáforas são recursos discursivos nos quais a argumentação se circunscreve, está na língua, de modo que podemos identificar que há relação de sentido entre o título metafórico e o texto porque se verificam desdobramentos da metáfora no decorrer do discurso e no movimento argumentativo desse discurso. As análises, em conformidade com os estudos da semântica argumentativa, demonstram que “a lexicalização de uma entidade é dada pelo bloco semântico e seus as-

pectos transgressivos e normativos associados a ela” (CAREL, 1998, p. 71). É possível compreender que a AI do enunciado (título) resulta da lexicalização das palavras que constituem os segmentos argumentativos que o compõem; assim evidencia-se o sentido das palavras nesse contexto linguístico. Desse modo, pela TBS, “[...] toda palavra, tenha ela ou não alcance persuasivo, faz necessariamente alusão a argumentações, o que mostra no mínimo que não há elo privilegiado entre a argumentação retórica e a argumentação linguística” (DUCROT, 2009, p. 23).

Findamos aqui as análises acerca do título metafórico e reservamos os resultados para posterior associação do sentido título-texto; desse modo, iniciamos a descrição semântica dos trechos discursivos selecionados e segmentados da reportagem jornalística que foi selecionada, na revista Exame. Vejamos os procedimentos metodológicos aplicados ao primeiro trecho discursivo:

(T₁) S₁. Para o restante dos americanos, os californianos são considerados excêntricos, criativos, vanguardistas e libertários. S₂. Por isso, causou surpresa quando, no começo de novembro, o “**não**” venceu o referendo sobre a legalização da **maconha** para uso recreativo – contrariando inclusive pesquisas de opinião (EXAME, 1º dez. 2010, p. 121).

S₁ (AE) à direita do segmento: ser californianos DC ser excêntricos, criativos, vanguardistas e libertários.

S₂ (AE) à direita: O “**não**” venceu o referendo sobre a legalização da maconha DC causou surpresa e contrariou as pesquisas de opinião.

Desses segmentos S_1 e S_2 resulta o primeiro encadeamento argumentativo, temos como relação de interdependência, $S_1 + S_2^{14} = \mathbf{EA}_1$ – *Ser californiano, criativo, vanguardista e libertário PT não aprovar o referendo sobre a legalização da maconha para uso recreativo* (A PT neg-B). Nesse encadeamento, identificamos uma possível argumentação interna (AI) que se configura como: $\mathbf{AI}_1$ – *residir na Califórnia PT não concordar com o referendo* (A PT neg-B).

Apresentamos o segundo trecho analisado:

(T_2) S_1 . Independentemente do juízo que se faça sobre a legalização de uma **droga** como a maconha, S_2 , o caso californiano lança luz sobre os efeitos da economia em escala (EXAME, 1 dez. 2010, p. 121).

S_1 (AE) à direita: droga como a maconha PT não fazer qualquer juízo.

S_2 (AE) à direita: caso californiano DC efeitos na economia em escala.

$S_1 + S_2 = \mathbf{EA}_2$ – *Não existir mau juízo sobre a legalização da maconha PT atingir a economia em escala* (A DC B). Deste encadeamento temos a $\mathbf{AI}_2$ – *É droga PT gerar lucros* (APT B).

O terceiro trecho (T_3) também se baseia no dispositivo de análise já apresentado; este menciona acerca da influência da legalização da maconha na economia.

(T_3) S_1 . São famílias donas de pequenas propriedades agrícolas, uma das exigências da atual lei. S_2 . Para eles, a ampliação do mercado significaria o início do que chamamos de processo de “walmartização” (EXAME, 1 dez. 2010, p. 121).

S_1 (AE) à direita: ser pequena propriedade¹⁵ DC a lei permite plantar.

S_2 (AE) à direita: ampliar mercado DC causar processo de “walmartização”¹⁶.

$S_1 + S_2 = \mathbf{EA}_3$ – *Ser pequena propriedade DC votar contra o processo de “walmartização”*. (A DC B). Deste encadeamento tem-se como $\mathbf{AI}_3$ – *ser pequeno produtor DC temer concorrência* (A DC B).

O movimento argumentativo da reportagem demonstra que a maior parte da população local e dos leitores da reportagem entenderia que os plantadores legalizados deveriam votar a favor no referendo, mas não é o que ocorreu, isso porque eles, provavelmente, consideraram que o aumento da concorrência, que existiria depois da legalização, poderia diminuir seus lucros de venda.

Conforme os procedimentos metodológicos deste artigo, identificamos a composição dos BS (BS_1 , BS_2 , BS_3) decorrentes da interdependência entre as argumentações internas ($\mathbf{AI}_1$, $\mathbf{AI}_2$, $\mathbf{AI}_3$). A identificação da inter-relação entre as AIs dos trechos discursivos mostra como “[...] o sentido só se constrói por empréstimo do contexto, mas essa construção ‘pragmática’ do sentido é dirigida pelo valor propriamente linguístico das palavras que se devem interpretar” (DUCROT, 2005, p. 11). Cada trecho discursivo da reportagem apresenta um bloco semântico indecomponível, oriundo das AI dos EA desses trechos, conforme consta na sequência:

(T_1) – BS_1 : plantar maconha PT votar contra legalização

(T_2) – BS_2 : plantar maconha PT ter decisões lúcidas

(T_3) – BS_3 : ter competição DC vender menos.

A interdependência entre os blocos semânticos BS₁, BS₂, BS₃, correspondentes aos trechos discursivos analisados, constitui o bloco semântico do sentido global do discurso (BSG), cujo aspecto evocado é: *É plantador de maconha DC vota contra a legalização*. Trata-se de um encadeamento *linguisticamente paradoxal* (LP). A metáfora do título constitui-se da predicação: competição é ruim e o BS₁ – *plantar maconha PT votar contra legalização* – confere essa predicação e manifesta o essencial, o cerne da reportagem jornalística, que é o fato – paradoxal – de os plantadores terem votado contra a legalização de um produto que lhes é de subsistência, porque se preocupam com a futura concorrência. Assim, demonstramos que a argumentação presente no título metafórico orienta para a construção do sentido da reportagem, como possibilidade de compreensão leitora.

O bloco semântico do sentido global expresso no discurso é *plantar maconha /votar contra*, dele tem-se o aspecto argumentativo evocado que é contrário às opiniões de muitos americanos dessa região da Califórnia (EUA); configura-se assim como um encadeamento *linguisticamente paradoxal* (LP). O paradoxo também está inscrito na língua e pode ser descrito pela TBS, mas como fazer essa descrição? Dito por Grégis (2009, p. 201 apud CAREL; DUCROT, 2010), há duas propriedades intrínsecas aos enunciados LP_s, que são: “1ª propriedade: a AI do encadeamento não está

contida na AI do primeiro segmento do enunciado. 2ª propriedade: invertendo-se o conector (DC ou PT), tem-se um encadeamento *linguisticamente doxal*”. Um exemplo de encadeamento paradoxal, dado por Carel e Ducrot (2005, p. 82), é o enunciado *Pablo é rico DC tem muitos amigos*. O aspecto *rico DC amigos* não pertence à AE *estrutural* de *Pablo é rico* (S₁) e tampouco ao (S₂); trocando o conector, tem-se o aspecto *rico PT amigos*. O locutor não se contenta em eleger um aspecto dentro do bloco dado pela língua e constitui outro bloco de sentido.

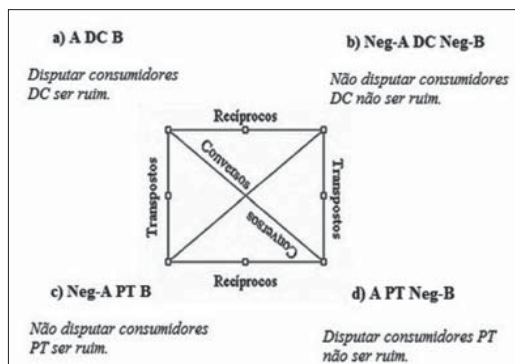
A questão do paradoxo e da transgressão suscita dúvidas, mas Grégis (2009, p. 202) explica que na ADL *PT* não tem vocação para ser LP: “os encadeamentos em PT implicam a recusa do DC correspondente e, ao mesmo tempo, reconhecem sua legitimidade”. Os encadeamentos paradoxais opõem-se a determinado bloco que é lexicalizado na argumentação.

Notamos existir entre os conectores DC e PT os segmentos *A* (*competição*) e *B* (*droga*), na metáfora, *tópico* e *veículo* respectivamente, que, ao serem associados, formam um EA (Encadeamento Argumentativo) e, por conseguinte, o sentido metafórico é apreendido mediante um aspecto argumentativo evocado de outro oriundo do bloco semântico expresso pelo título, que é “Disputar consumidores DC ser ruim”. Quanto à constituição do BSG, percebe-se o aspecto argumentativo evocado, que é normativo, e além dele as possibilidades discursivas que podem ser

assumidas pelo locutor dadas pela polifonia, pois entendemos que a polifonia é uma maneira de explorar as diferentes possibilidades de compreensão leitora.

A etapa seguinte da análise refere-se aos quadrados argumentativos que materializam a polifonia discursiva à medida que apresentam os diferentes aspectos argumentativos que o locutor pode assumir; conforme Carel e Ducrot (2005, p. 45), “o quadrado argumentativo é formado pelos segmentos A e B que originam quatro aspectos de um mesmo bloco semântico e entre os quatro ângulos do quadrado há uma relação discursiva”. Prosseguimos com a construção do Quadrado Argumentativo (QA₁), correspondente à AI expressa no título metafórico (1.17).

QA₁ – (BST): *Disputar consumidores DC ser ruim.*



Fonte: elaborado pelos autores

Figura 1 - Quadrado Argumentativo da AI do título metafórico

O Quadrado Argumentativo 1 (QA₁) permite identificar, por polifonia, o ponto de vista assumido/posto pelo locutor e as possibilidades de argumentação do

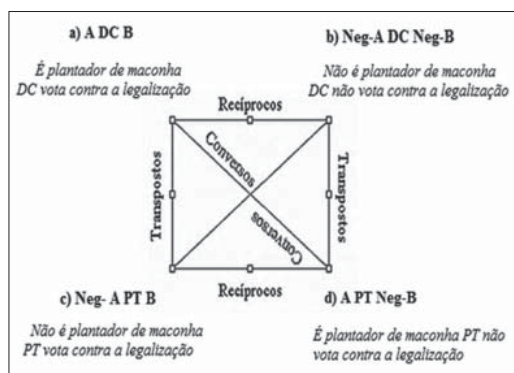
discurso. O locutor assume: a) *Disputar consumidores DC ser ruim*, pois esse é o aspecto evocado no discurso expresso no título metafórico (BST) e que será relacionado, posteriormente, ao aspecto argumentativo evocado no BSG, o qual orienta o sentido global do discurso. A argumentação interna da metáfora *a competição é uma droga*, que consta no título da reportagem analisada, pode ser assim parafraseada: *Disputar consumidores DC ser ruim*, correspondente ao encadeamento (1.17) e formada pela relação entre as AE e AI das entidades lexicais, diga-se tópico e veículo que formam a metáfora, cujo sentido é identificado na continuação do discurso, no eixo das combinações sintagmáticas.

Quanto às relações sintagmáticas, concordamos com Moura (2007, p. 2), para quem “a interpretação de uma metáfora depende da combinatória de tópico e veículo ou, mais precisamente, da combinação das categorias desses constituintes da metáfora”. Podemos observar essa combinatória pela estrutura A CONECTOR B, dada pela Teoria dos Blocos Semânticos, estrutura responsável pela construção argumentativa do sentido da língua. Destacamos, ainda conforme Moura (2007, p. 424), que a metáfora “[...] se situa além do que as palavras dizem. Mas, por convenção pragmática, podemos recuperar o que o falante quis dizer ao utilizar certas palavras fora de seu contexto normal de uso”. Ademais, podemos alinhar essa proposta de análise com Ricoeur (2000, p. 142), para quem “a metáfora resulta tanto da pragmática como da semântica”.

Diante disso, temos que essa referência aos conceitos sobre a estrutura da metáfora, composta por um *tópico* e um *veículo* (MOURA, 2007, 2008), que associam diferentes ou semelhantes campos semânticos (conjunto de palavras), possibilita estabelecer uma associação entre essa referida estrutura com o encadeamento argumentativo, tornando possível perceber que a compreensão leitora do título metafórico ocorre pela interdependência semântica entre os segmentos A e B, ou seja, *competição* e *droga* cujos conceitos estão associados por conectores *donc* e *pourtant*, *É competição DC é uma droga*.

Dando sequência, e de acordo com os procedimentos metodológicos previstos, segue o Quadrado Argumentativo (QA₂) correspondente ao bloco semântico global, oriundo da inter-relação entre os blocos semânticos identificados nos trechos discursivos.

QA₂ – (BSG): *É plantador de maconha DC vota contra a legalização*.



Fonte: elaborado pelos autores

Figura 2 - Quadrado Argumentativo do BSG do discurso

Verificamos que o sentido global do discurso (BSG) – *É plantador de maconha DC vota contra a legalização* – relaciona-se com o sentido do título metafórico *Disputar consumidores DC ser ruim* (BST), o que proporciona uma compreensão leitora de cunho crítico-argumentativo. Evidenciamos, ainda, que o aspecto evocado no bloco semântico expresso no título metafórico (BST) tem relação com o aspecto evocado no (BSG). Desse modo, a metáfora do título orienta para um BSG paradoxal: o enunciado linguisticamente paradoxal é *plantar maconha DC votar contra a legalização da droga*. O paradoxo está na relação, na ideia, de que os plantadores de maconha legalizados atualmente, que são pequenos produtores, votaram contra a legalização quando do referendo ocorrido em dezembro de 2010, na Califórnia (EUA).

No que diz respeito aos quadrados (QA₁ e QA₂), verificamos que eles atuam como recursos ilustrativos para demonstrar que o sentido do discurso global é argumentativo e polifônico; lembrando que a polifonia é resultado de uma seleção de pontos de vista. Em relação a essas possibilidades argumentativas postas em cena no enunciado, identificamos, pela compreensão leitora, a direção em que o locutor argumenta, lembrando que os quadrados argumentativos do título e do texto apresentam as possibilidades conversas, recíprocas e transpostas visualizadas. Os aspectos do quadrado argumentativo, que são a realização do bloco semântico, configuram-se como possibilidades discursivas dadas pelo

enunciado, posto que, para Ducrot (1987), todo enunciado é polifônico.

A compreensão leitora pode dar-se conforme a escolha de um ou outro aspecto do quadrado, porque assumir um enunciador (E) é atribuir à enunciação impor o ponto de vista desse próprio enunciador. Consideramos, conforme Freitas (2009, p. 37), “[...] se a argumentação está prevista na língua, determinando, portanto, a significação de suas entidades, o sentido de um enunciado, nessa perspectiva, é descrito pela posição que o locutor assume em relação aos vários pontos de vista que atualiza por meio do enunciado”. Isso ocorre na reportagem jornalística analisada, pois, a partir da orientação do título metafórico para a construção do sentido global do discurso, que é paradoxal, demonstra-se a possibilidade de compreensão leitora mediante o emprego dos pressupostos da ADL/TBS.

Desse modo, a compreensão leitora da reportagem jornalística permite mostrar que ambos os encadeamentos, referentes ao BST e o BSG, *disputar consumidores é ruim DC a competição é uma droga*, fazem com que os plantadores de maconha votem contra a legalização. Esses encadeamentos, que se movem na orientação argumentativa, estão em conformidade com o título metafórico *É competição DC é uma droga*, e isso caracteriza o discurso na reportagem analisada como predominantemente paradoxal.

E, para finalizar a análise, questionamos qual o papel da metáfora na argumentação? Ou ainda, na atividade

argumentativa? Respondemos, conforme as descrições semânticas realizadas na perspectiva da TBS, que argumentar consiste em encadear enunciados-argumento e enunciados-conclusão que compõem blocos semânticos. Para ADL/TBS, o sentido é constituído por encadeamentos e não por informações; caso tomássemos apenas a informação dada pela metáfora presente no título da reportagem, não seria possível a compreensão leitora, de modo que é preciso investigar as instruções dadas pelas frases para, na continuação discursiva, depreender a significação e o sentido com auxílio da TBS.

Destacamos que as análises das entidades lexicais do título metafórico e dos trechos discursivos selecionados permitiram visualizar os conceitos da TBS aplicados, bem como o movimento argumentativo identificado na relação título-texto, de modo que o título orienta para a compreensão leitora do sentido global do discurso. Partimos da associação da estrutura da metáfora, *tópico e veículo*, que compunha o título da reportagem jornalística à estrutura do encadeamento argumentativo proposto pela TBS, para descrever sua relação com o sentido global do discurso. Com esse percurso analítico, foi possível identificar a importância do título metafórico na orientação do sentido que se desdobra no fio discursivo da reportagem jornalística.

As análises empreendidas identificaram como aspecto evocado do BSG um enunciado linguisticamente paradoxal. Isso porque os californianos, plantadores

de maconha, votaram contra a legalização, pois acreditaram que a competição é *uma droga*. Recorre-se ao contexto enunciativo para atribuir um sentido ao enunciado, não sem observar a estrutura sintática. De acordo com Graeff (2011, p. 230), “a Semântica argumentativa proposta por Ducrot não deixa dúvidas a respeito de que a construção pragmática do sentido não ocorre por empréstimo do contexto, mas pelo valor propriamente linguístico das palavras que temos de interpretar”.

Considerações finais

Optamos, neste artigo, por estudar o sentido global do discurso, analisando-o em uma reportagem jornalística cujo título apresenta uma metáfora, de modo a estabelecer relação entre o aspecto argumentativo evocado no texto e o aspecto evocado no título metafórico para, desse modo, arquitetar a compreensão leitora pela perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua (ADL) e da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS). Mediante esse escopo teórico, propusemos uma aproximação dos estudos e teorias sobre a metáfora e a compreensão leitora, isso porque, além de importante recurso lexical, a metáfora é uma figurativização expressiva da língua.

A análise evidenciou que é possível identificar e descrever a argumentação presente no título metafórico e no decorrer do texto analisado, conforme preceitos da ADL/TBS, o que constitui uma

alternativa, até certo ponto inovadora, para os estudos linguísticos, em especial no que diz respeito à argumentação com consequente qualificação ao ensino da língua materna, mais especificamente no que se refere às práticas discursivas de letramento – produção textual e compreensão leitora em diferentes gêneros de interação verbal.

De início, na introdução deste artigo, problematizamos se os aspectos argumentativos evocados do bloco semântico originado do título metafórico (BST) e daquele percebido no texto, no discurso global (BSG), tinham relação entre si e com a constituição do sentido global do discurso. Confirmamos nossa hipótese de que o título metafórico é um encadeamento argumentativo que, analisado pela TBS, permite a compreensão leitora do sentido global manifestado no texto; esse sentido é formado pela inter-relação entre blocos semânticos cujos aspectos argumentativos evocados mantêm estreita relação de interdependência entre si, ou seja, entre o título metafórico e o texto como um todo.

O objetivo deste estudo buscou mostrar que o discurso metafórico é argumentativo e polifônico, e que podemos identificar e descrever o sentido global do discurso pela relação existente entre os aspectos argumentativos evocados dos blocos semânticos oriundos do título e do texto, isto é, do próprio discurso. Avaliamos que houve realização desse propósito, de acordo com o que se desenvolveu ao longo deste texto.

Nesse sentido, ao estudarmos a metáfora sob a perspectiva da TBS, observamos que o título metafórico se relaciona com a semântica da língua, convocando todo um *paradigma de signos*, pelo qual um tópico pode ser associado a diferentes veículos para construir uma metáfora. O tópico da metáfora entendido como o *segmento A* e o veículo como sendo o *segmento B* possuem uma interdependência que constrói o encadeamento argumentativo, formando assim o sentido da metáfora. No início da análise, foi possível perceber como as metáforas agem mentalmente ao propor relações sintagmáticas, pois é preciso buscar o sentido do *veículo* que categoriza o tópico. Com isso, é mantida a hipótese, em paráfrase com Ducrot (1988), de que a *argumentação está na metáfora*. Uma vez que “argumentar é formar blocos semânticos”, ou “estabelecer encadeamentos argumentativos em DC e PT” (CAREL, 2009, p. 84), a metáfora, ao formar blocos semânticos, apresenta-se como sendo argumentativa, já que faz parte da língua, em concordância com a proposta de estudar a continuidade das palavras no desenvolvimento discursivo.

O título metafórico pode ser lido como um encadeamento argumentativo normativo, *É competição DC é uma droga, visto que tem relação com o BSG, É plantador de maconha DC vota contra a legalização*, que, por sua vez, é interdependente da AI expressa no título metafórico *Disputar consumidores DC ser ruim*. A nova categorização das pa-

lavras que compõem o título metafórico, *competição* e *droga*, orienta o sentido da reportagem jornalística analisada. Depreendemos ser necessário que a compreensão leitora perceba o porquê do novo conceito de *competição* como algo ruim/uma droga, e isso ocorre de maneira mais produtiva se utilizadas as categorias de análise selecionadas da TBS. Assim, o fato de as metáforas originarem-se das relações sintagmáticas e paradigmáticas faz com que seja percebida a orientação argumentativa de que essas metáforas constroem o sentido através da argumentação tecida no fio discursivo, conforme os preceitos da Teoria dos Blocos Semânticos, considerando a interdependência semântica entre dois segmentos que estão presentes no encadeamento argumentativo. A metáfora, na reportagem analisada, comporta um sentido profundo que é paradoxal, conforme previsto na descrição semântica realizada.

Retomamos que o BSG tem origem na interdependência entre os aspectos argumentativos (normativos ou transgressivos) evocados nos respectivos blocos semânticos dos trechos (T_1 , T_2 , T_3) *É plantador de maconha DC vota contra a legalização*. Ainda reiteramos que o aspecto argumentativo evocado pelo BSG da reportagem é linguisticamente paradoxal, uma vez que o paradoxo está na língua, marcado pela oposição da AE do encadeamento argumentativo formado pelo sintagma. Notamos como o paradoxo consiste em colocar-se um DC ou um

PT; discursivamente, o mais recorrente (normal) seria um PT ou um DC, ou seja, há troca de conector e na existência de troca de conector, o encadeamento passa a ser doxal. O fato de os produtores de maconha serem contrários à legalização contradiz o senso comum e demonstra como o sentido é uma fabricação da engrenagem discursiva.

Demonstramos, com ênfase, a constituição do Bloco Semântico do título metafórico (BST) a partir da lexicalização das palavras plenas e do Bloco Semântico do Sentido Global do Discurso (BSG), oriundo da inter-relação entre os blocos semânticos dos trechos discursivos selecionados, para, por fim, identificar o ponto de vista (o encadeamento) assumido pelo locutor como compreensão leitora. Dito de outro modo, defendemos que o aspecto evocado do título metafórico (BST) orienta para o aspecto evocado do texto (BSG) como possibilidade de identificação da compreensão leitora.

Posto isso, acreditamos que este estudo apresenta uma abordagem até certo ponto inovadora ao estabelecer relações entre princípios da semântica argumentativa (conectores DC e PT), que o sentido está inscrito na língua, e por isso não depende do contexto situacional, com preceitos da metáfora (tópico e veículo) que se diria conotativa pela expressividade da língua, em contextos discursivos particulares. Essa contribuição configura-se como reflexiva, instigante e contributiva, assim entendemos, visto propiciar discussões e possibilidades de

aplicações interessantes para o ensino da língua materna, em todos os níveis, repercutindo nas práticas discursivas de produção textual de letramento. Torna-se, desse modo, um aporte de “novo olhar” para futuras pesquisas, não sendo “produto” acabado e incontestado, pelo contrário, deve servir como motivação e discussões sobre novas concepções que poderão ser profícuas para o ensino da língua materna em uma perspectiva enunciativo-discursiva.

Por fim, com o ensejo de um ensino pautado na compreensão do sentido argumentativo da língua, sugerimos que outros estudos sejam realizados sobre a metáfora e a ADL/TBS, afinal questionamos: seria o conceito “tradicional” de metáfora mantido quando se aplicam os pressupostos teóricos da ADL/TBS? O sentido metafórico não se desconstrói quando se afirma, como Ducrot, que não existiria a “conotação” porque o sentido está inscrito na língua? Se isso for válido, então surgiria uma proposta interessante e ao mesmo tempo desafiadora para reflexão e novos estudos: promover o “diálogo” que contribuiria para o avanço do conhecimento na área dos estudos linguísticos, e, por que não, do ensino da língua materna.

*L'orientation argumentative du texte
du titre métaphorique dans l'histoire
nouvelles: blocs sémantiques et
compréhension de la lecture*

Résumé

Cet article utilise les contributions théoriques de la théorie du langage Argumentation (ADL), en particulier celles relatives à la théorie des blocs sémantiques (TBS), développées par Ducrot (1987, 1988, 2002, 2005, 2009) et Marion Carel (1997, 2005, 2009), en décrivant le sens global du discours. L'objectif est de démontrer comment le titre métaphorique d'une histoire nouvelles guide le lecteur à comprendre le texte, à travers une analyse sémantique argumentative. Nous concevons que les métaphores sont des constructions argumentatives qui peuvent être appliquées aux concepts de l'ADL/TBS qui sous-tend cette étude. Nous proposons d'analyser les arguments existants dans le titre métaphorique et comment cette métaphore discursive observée tout au long du texte / discours, afin de comprendre la relation entre l'apparition du titre visé à l'apparition du bloc évoqué sens global du discours, que ce n'est et la relation entre les différents blocs présents dans l'analyse sémantique reportage journalistique.

Mots-clés: Orientation argumentative. Titre métaphorique. Le texte. Blocs sémantiques. La compréhension en lecture.

Notas

- ¹ Carel e Ducrot (2005) chamam de aspectos argumentativos o conjunto de encadeamentos em “portanto” – os normativos – e o conjunto de encadeamentos em “mesmo assim” – os transgressivos.
- ² Bloco Semântico do Título.
- ³ O sentido é construído pelos discursos evocados por determinadas entidades linguísticas associadas por um conector, denominados pela TBS como *encadeamentos argumentativos*.
- ⁴ Neste estudo, faremos referência a Saussure (2006) quando da menção do *Curso de linguística geral*, como sendo o autor responsável, embora saibamos que são aulas do referido autor, reunidas por alguns alunos.
- ⁵ Cf. Ducrot (1988, p. 49).
- ⁶ Atualmente, Carel e Ducrot (2010), Carel (2010, 2011) questionam a presença dos enunciadores na teoria, suprimindo essa noção e delegando as tais vozes ao próprio conteúdo do enunciado, como uma tríade.
- ⁷ Trata-se, por enquanto, de uma “trilogia” de artigos novos que trazem algumas reformulações de conceitos: *Atualização da polifonia* (CAREL; DUCROT, 2010), *Polifonia e argumentação* (CAREL, 2010) e *Polifonia linguística* (CAREL, 2011).
- ⁸ Conforme Carel e Ducrot (2005, p. 63), CONN’ designa PT, se CONN designa DC, e inversamente “[...] cada aspecto em CON da AE está associado a um aspecto em CON’ mais a negação”.
- ⁹ Remete à *interdependência semântica* proposta pela ADL.
- ¹⁰ Os segmentos foram selecionados com base no critério de apresentarem um encadeamento argumentativo, ou seja, dois predicados que possam ser encadeados por DC ou PT.
- ¹¹ Reiteramos que neste artigo, por opção de recorte teórico, não avançaremos nos estudos recentes sobre a polifonia, ou seja, a nova fase denominada TAP.
- ¹² A entidade lexical *competição* aparece apenas uma vez no texto da reportagem jornalística.
- ¹³ Registramos seis ocorrências da palavra *droga* na reportagem jornalística.
- ¹⁴ Utilizamos nas análises o símbolo de adição (+) por entendermos que manifesta com clareza a ideia de interdependência semântica entre os segmentos que constituem os trechos da reportagem jornalística analisada.
- ¹⁵ A reportagem menciona que os pequenos produtores são denominados de “produtores papai e mamãe”.
- ¹⁶ AI da palavra “walmartização” = grandes produtores DC aumento da competição.

Referências

BARBISAN, Leci Borges. Um sentido do adjetivo no discurso. *Caderno de Pesquisas em Linguística*, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 24-30, nov. 2006.

CAREL, Marion. A argumentação no discurso: argumentar não é justificar. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, n. 21, p. 23, mar. 1997.

_____. Lexicalização das argumentações. *Cad. Est. Ling.*, Campinas, n. 35, p. 55-73, jul./dez. 1998.

_____. O que é argumentar? *Desenredo*, Passo Fundo/RS, v. 1, n. 2, p. 77-84, jul./dez. 2005.

_____. Análise argumentativa do léxico: o exemplo da palavra medo. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 26-35, jan./mar. 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/5649>>. Acesso em: 13 mar. 2011.

_____. Polifonia e Argumentação. *Desenredo*, Passo Fundo/RS, v. 6, n. 1, p. 22-36, jan./jun. 2010.

_____. A polifonia linguística. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 27-36, jan./mar. 2011.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. *La semántica argumentativa: una introducción a la teoría de los Bloques Semánticos*. Edición literaria a cargo de María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

_____. Atualização da Polifonia. *Desenredo*, Passo Fundo/RS, v. 6, n. 1, p. 9-21, jan./jun. 2010.

DELANOY, Cláudio Primo. *Uma definição de leitura pela teoria dos blocos semânticos*. 2008. 95 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. São Paulo: Cultrix, 1987.

_____. *Polifonía y argumentación*. Conferencias del Seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso. Cali: Universidad del Valle, 1988.

_____. Os Internalizadores. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, PUCRS, v. 37, n. 3, p. 7-26, set. 2002.

_____. A pragmática e o estudo semântico da língua. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 9-21, 2005.

_____. Argumentação Retórica e Argumentação Linguística. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 20-25, jan./mar. 2009.

EXAME. São Paulo: Abril, edição 981, ano 44, n. 22, p. 120-121, 1 dez. 2010.

FIORIN, José Luiz. *Metáfora e metonímia: dois processos de construção do discurso*. In: _____. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 70-91.

FREITAS, Ernani Cesar de. *Semântica Argumentativa: a construção do sentido no discurso*. Novo Hamburgo: Feevale, 2007. 240 p.

_____. Descrição argumentativa e descrição polifônica no discurso do leitor. *Desenredo*, Passo Fundo/RS, v. 5, n. 2, p. 252-270, jul./dez. 2009.

GRAEFF, Telisa Furlanetto. Tradição semântica e semântica argumentativa: o sentido de demais / a mais. In: SCHONS, Carme Regina; CAZARIN, Ercília Ana (Org.). *Língua, escola e mídia: entrelaçando teorias, conceitos e metodologias*. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2011. p. 211-232.

GRÉGIS, Rosi Ana. O paradoxo na Teoria da argumentação na língua: uma questão linguístico-argumentativa. *Acta Scientiarum: Language and Culture*, Maringá, v. 31, n. 2, p. 195-204, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/6543/6543>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

LESCANO, Alfredo. Fuerza relativa em los grados superiores. In: ARNOUX, Elvira N. *Homenaje a Ducrot*. Buenos Aires: Eudeba, 2004. p. 227-248.

MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MOURA, Heronides. Relações paradigmáticas e sintagmáticas na interpretação de metáforas. *Linguagem em (Dis)curso*, Florianópolis, v. 7, n. 3, p. 417-452, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0703/7%20art%205.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2012.

_____. Desfazendo dicotomias em torno da metáfora. *Revista de Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 179-200, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://relin.letras.ufmg.br/revista/upload/07-Heronides_Moura.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2012.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo: Feevale, 2009.

RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.